



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Maria Helena Marques de Oliveira

**TV NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

Belo Horizonte

2015

Maria Helena Marques de Oliveira

TV NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Henrique Augusto Nunes Teixeira

Belo Horizonte

2015

Maria Helena Marques de Oliveira

TV NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Henrique Augusto Nunes Teixeira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. M. Henrique Augusto Nunes Teixeira – Faculdade de Educação da UFMG

Prof.(a) Sylvia Amélia Nogueira de Souza – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que tudo providenciou, inclusive pessoas especiais(anjos) que tornaram possível a realização deste trabalho.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(Manoel de Barros, 2010)

RESUMO

Este trabalho traz abordagens de um Plano ação desenvolvido coma Turma da União na Unidade Municipal de Educação Infantil Céu Azul (UMEI Céu Azul), constituída por vinte crianças na faixa etária de 4/5 anos, entre essas, seis do gênero feminino e catorze do gênero masculino. Desenvolveu-se uma pesquisa sobre a interferência da televisão — através dos filmes comerciais de animação, indicados às crianças, e outros indicados aos adultos — nas leituras do mundo infantil, suas narrativas e ações (FREIRE, 1989). Investigou-se a presença frequente de objetos timbrados com as marcas de tais filmes, bem como o registro de objetos e narrações feitas durante as brincadeiras livres e jogos simbólicos. Buscou-se entender como o cinema tem permeado as práticas da Educação Infantil, mesmo que limitado ao aparelho de televisão, e quais os desafios atuais no aprender, desaprender e reaprender no envolvimento com a arte cinematográfica descrita por Fresquet (2010). Para isso, efetivou-se o diálogo com família, através de perguntas realizadas em questionário impresso e entrevista oral — anamnese —sobre a rotina dos alunos em suas casas. Optou-se também por um trabalho de campo com as crianças para ampliar o seu conhecimento de mundo, como visitas ao Parque Jardim Leblon e ao Museu dos Brinquedos. Durante esses deslocamentos, as crianças foram orientadas a fazerem exercícios fotográficos. Retomou-se as imagens registradas por elas para o trabalho de narração. Essa prática foi registrada através de um vídeo gravado, durante as narrativas dos alunos, a partir das fotos do passeio ao museu. Pode-se, assim, registrar com evidência o enriquecimento da narrativa oral das crianças, mas também como os programas veiculados pela televisão têm influenciado as falas das crianças diariamente.

Palavras-chave: Educação Infantil, televisão,narrativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Portão de entrada principal da UMEI Céu Azul	14
Foto 2	Hall de entrada	16
Foto 3	Playground	16
Foto 4	Banheiros adaptados	16
Foto 5	Refeitório	16
Foto 6	Corredores das salas superiores	16
Foto7	Tênis com a marca Ben 10	20
Foto 8	Mochila com a marca Batman	20
Foto 9	Aluno montando carro de super herói de programas infantis de TV	21
Foto 10	Aluno imitando personagem de programas infantis de TV em brincadeiras	21
Foto 11	Aluna brinca com câmera de brinquedo	28
Foto 12	Alunos brincam com câmeras antigas	28
Foto 13	Foto da entrada da UMEI Céu Azul tirada por uma aluna	28
Foto 14	Aluna tirando fotos dos colegas no parque	29
Foto 15	Foto tirada pela aluna no parque	29
Foto 16	Alunos vestindo uniforme na boneca no túnel	30
Foto 17	Alunos levando a boneca para o museu	30
Foto 18	Alunos pintando passeio no museu	31
Figura 1	Frame - Alunos assistindo ao curta metragem <i>Dona Cristina perdeu a memória</i>	32
Figura 2	Frame - Alunos narrando a vista ao Museu do Brinquedo	35
Figura 3	Frame - Alunos em grupo narrando a visita ao museu	37
Figura 4	Frame - Alunos fazendo leitura de fotos tiradas no museu	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Programas infantis que as crianças assistem em casa	19
Gráfico 2	Horas por dia na frente da TV	22
Gráfico 3	Resultado do questionário sobre quantas horas os filhos assistem TV	22
Gráfico 4	Resultado do questionário sobre a qualidade dos programas infantis na TV	23
Gráfico 5	Resultado do questionário sobre a influência da TV na educação das crianças	23
Gráfico 6	Resultado do questionário sobre o uso da TV na escola	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Objetivo geral	12
1.2	Objetivos específicos	12
1.3	Justificativa	12
1.4	Contextualização do espaço e sujeitos da pesquisa	14
2	METODOLOGIA	18
2.1	Pesquisa	18
2.2	Análise da pesquisa	25
2.3	Execução das ações	27
3	ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS	40
4	A NARRAÇÃO DAS FOTOS DO PASSEIO AO MUSEU	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICES	50
	ANEXO	53

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com a infância é sempre nos vestir de nossas alegorias e deixar vir à tona a memória do nosso passado. Trazemos desse tempo influências: Preferências, crenças, valores, conceitos e pré-conceitos... Assim é o cinema para Sônia Kramer(2007): "O cinema olha a infância e, ao mostrá-la, conta a história de cada um de nós". Se pararmos para lembrar nossa infância, eis que teremos um filme, seus planos, fotografias, trilhas sonoras... Afinal, conforme Walter Benjamin, "o homem faz história porque temos a infância".

Transito pelo ambiente da Educação Infantil desde 1999, ano em que fui admitida como auxiliar de sala em uma instituição de Educação Infantil em um bairro de classe mediana cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais(MG). Nesse contexto, não via a televisão como domadora de corpos. Percebia uma rotina bastante diversificada, raramente as crianças eram colocadas em frente à televisão. O espaço físico amplo favorecia o trabalho com brincadeiras ao ar livre. Em outras instituições privadas por onde circulei, fazendo estágios, trabalhando ou até observando para matricular minhas filhas, percebia que o aparelho estava ligado constantemente como auxiliar quando o número de alunos era incontrolável para uma só funcionária ou para distrair as crianças. A televisão acumulava também a função de ensinar a língua estrangeira do currículo escolar na ausência de um profissional formado para tal função.

Ingressei na rede pública em 2007, na Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves(MG). Em 2009, fui nomeada para o cargo de Educadora Infantil pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Tenho uma predileção por um trabalho que coloque a criança em movimentos de modo geral, contação de histórias com representação de sons, movimentos e, principalmente, as brincadeiras livres. Penso ser reflexo de uma infância com bastante espaço livre para brincar e inventar brincadeiras. Tempos e espaços que privilegiavam a imaginação.

Durante rodas de conversas cotidianas, tenho observado que os assuntos sempre giram em torno da programação veiculada pela televisão. As crianças assistem todo tipo de programação; novelas, telejornais e, em especial, os desenhos animados.

Percebo que a televisão tem procurado permear a programação com objetos do imaginário infantil. A exemplo, durante a veiculação de um telejornal sensacionalista, toda vez que atingem um bom percentual de audiência, a imagem de um boneco com as características do apresentador atravessa a tela. A imagem da criança, desde a invenção desse meio de comunicação, tem sido explorada com frequência nos intervalos comerciais e programas televisivos, ora como seres inocentes, ora como seres prodígios, ora consumidores exigentes, etc. As instituições escolares têm recebido essa demanda que deveria estar incluída de fato no currículo, mas as ações geralmente caminham na mesma direção proposta pelo consumismo.

Sabe-se que a televisão atualmente está presente na maioria dos ambientes frequentados pelas crianças, percebida como eletrodoméstico inofensivo, elas ligam e desligam e até escolhem a programação. Na maioria dos ambientes escolares, não é muito diferente, os filmes de animação são incorporados aos currículos como base na neutralidade e inocência. As instituições escolares são decoradas com os personagens dos filmes, que aparecem com frequência nos materiais escolares e brinquedos—estão na rotina escolar por diversos motivos, esses materiais estão influenciando nas atitudes, relacionamento e comportamento das crianças(SILVA;PARAÍSO, 2010).

De que forma a programação da televisão (TV) tem afetado a prática do professor? Não é raro discursos de professores que acreditam que, por possuírem canais fechados (pagos),os filhos podem ficar assistindo o tempo que quiserem sem problemas. E se é bom para seus filhos, também podem ser oferecidos aos alunos. O tempo todo, somos influenciados pelas marcas que dominam o mercado de consumo.

O cinema na escola precisa se apresentar com outra dimensão, além do já conhecido pelos alunos e professores, temos como desafio mostrá-lo como possibilidade da arte, não somente como instrumento pedagógico. Mas alargar horizontes com a tripla possibilidade descrita por Fresquet, citada por Barra(2012,p.03).

O processo bidirecional de transmissão e produção cultural leva-nos a pensar na interfunção do ensinar e do aprender, desde a tripla possibilidade. A cada dia aprendemos coisas novas. Em geral, as novas aprendizagens variam em intensidade afetiva, importância, valorização social, transcendência. Aprendemos com os outros, em experiências sociais, fundamentalmente naquelas mais intensas e afetivamente. Por isso nos é tão difícil distinguir no ato de aprender os valores dos pré-conceitos e inclusive desvinculá-los das pessoas das quais os aprendemos. Porém, é necessário e não menos importante desaprender conceitos, significados, atitudes, valores historicamente apropriados, às vezes nem totalmente conscientes.

Na visão da autora, à medida que se ensina com a arte cinematográfica, abre-se caminhos para uma reflexão sobre os aprendizados, e como se pode aprender com o cinema, ele nos permite ressignificar.

Percebe-se que o cinema comercial infantil e o cinema para adultos, aos quais as crianças têm acesso através da televisão, impõem narrativas bastante valorizadas pela sociedade atual. Reforçam conceitos e pré-conceitos, modos de ser, agir, alimentar-se, vestir-se, etc..

Durante a prática do Plano de ação em campo, optou-se por ações durante as brincadeiras, buscou-se agregar o real e o imaginário, pois, segundo Vygotsky, descrito por Rego (1995), toda situação imaginária é resultado de interações sociais das crianças nos contextos sociais ao qual estão inseridas. A opção por um trabalho com imagens fotográficas produzidas e narradas por eles oportunizou um exercício de alteridade, o desafio de enxergar o olhar do outro e se expressar através da subjetividade.

As ações deste trabalho foram realizadas pensando um diálogo de como o cinema tem permeado as práticas pedagógicas na Educação Infantil, mesmo que limitado ao aparelho de televisão, e como contribuir com estratégias para incrementar a produção de narrativas. Buscou-se perceber quais os entendimentos atuais e os desafios em relação ao aprender e desaprender com a arte cinematográfica (FRESQUET,2010).

1.1 Objetivo geral

Traçar diálogos que desconstrua a noção de unicidade presente nos filmes veiculados pela mídia televisiva através de exercícios audiovisuais para construção de novas narrativas.

1.2 Objetivos específicos

- Promover a oportunidade de construção e de partilha da bagagem cultural dos sujeitos envolvidos no projeto;
- Valorizar a subjetividade presente nas brincadeiras;
- Estabelecer uma administração da nossa realidade, trabalhando as relações independentes e coletivas no ambiente escolar.

1.3 Justificativa

Atualmente a criança está inserida em uma sociedade que valoriza e dá significativa credibilidade à programação veiculada pelas emissoras de televisão.

Comum à maioria dos ambientes frequentados pelas crianças, deu-se ao aparelho de televisão status que pertencia ao contador de histórias, estas remetiam ao exercício da imaginação. Por meio da fantasia, eram introduzidos pelas famílias valores, costumes e a cultura de um modo geral.

Valorizar a realidade do aluno descrita por Paulo Freire (1989) requer pensar uma criança exposta bem precocemente aos programas de televisão, geralmente escolhidos e controlados por elas. As artes audiovisuais precisam ocupar o terreno da instituição infantil, assim como as outras manifestações artísticas. Assim como em desenhos, as pinturas, as colagens, o educador precisa dar o relevo devido a essa forma plástica para que as crianças tenham oportunidade de refletir sobre as imagens e aprender com isso. A sensibilidade do mediador projetará uma mobilidade da arte enquanto objeto de estudo.

Segundo o *Referencial curricular nacional da Educação Infantil*: “A imagem visual tem uma presença marcante no cotidiano das pessoas, é preciso conhecer a produção artística tendo consciência de nossa participação enquanto construtores da cultura do nosso tempo.” (BRASIL, 1998, p.2).

A televisão comum à maioria dos ambientes, inclusive no escolar, pode trazer grande colaboração ao pensar num diálogo entre cinema, escola e família, preencher a lacuna do entendimento da televisão como mero instrumento de distração e transmissão de conteúdo. Segundo Xavier, citado por Barra (2012, p. 4.): “O cinema que ‘educa’ é o mesmo que nos faz pensar, não no sentido de transmissão de conteúdo, mas no gesto criativo, capaz de provocar a reflexão e questionamento”.

Pensar uma atividade pedagógica com a criança requer pensar em que contexto social a criança está inserida, garantindo-lhe sentido no objeto apresentado. Nesse contexto, muitas crianças não têm oportunidade de vivenciar o cinema de criação fora do ambiente escolar. A escola tem a responsabilidade de traçar meios para permear o ambiente diferente do que as crianças estão acostumadas com recursos e conhecimentos diversos, diferente, por exemplo, do que é o cinema de consumo. Segundo Bergala, citado por Ramos e Teixeira (2010, p.8):

E mesmo que de imediato eles possam não se interessar, preferindo o cinema de puro consumo, o autor problematiza a ideia com argumentos no sentido de que nossas crianças e jovens não escolheram o tipo de filmes que hoje são de sua preferência.

Os autores colocam em evidência que é na escola que deve ser validado o direito da experiência com o cinema de criação, pois esse tipo de arte dificilmente estará disponível nos locais frequentados por essas crianças. Nesse sentido, acreditou-se ser oportuno e relevante levar para o grupo de estudantes uma proposta que considere e amplie as noções de narrativa através de imagens. Considerou-os como sujeitos capazes de entrelaçar conhecimentos, lugares, épocas, objetos e pessoas, ao construir e desconstruir subjetividades.

1.4 Contextualização do espaço e sujeitos da pesquisa

A pesquisa-ação foi desenvolvida com vinte crianças na faixa etária de 4/5 anos, entre essas, seis crianças do gênero feminino e catorze do gênero masculino. Essas crianças frequentam a Unidade Municipal de Educação Infantil UMEI Céu Azul (FOTO 1) somente no turno da tarde e residem nas proximidades da instituição, as moradias são desprovidas de espaços para brincar, o que justifica a televisão como meio de distração. Tais informações são relatadas pelas famílias durante as entrevistas de anamnese (ANEXO A). Os questionários trazem algumas informações sobre os familiares com quem a criança mora, qual a idade das pessoas que residem junto com a criança, renda familiar, grau de instrução, religião, qual o tipo de habitação, se a rua é urbanizada, como é a rotina da criança quando não está na escola, o que a criança faz quando não está na escola, com o que brinca e com quem, o que vê na TV, se faz algum passeio, onde e com quem.

Foto1: Portão de entrada principal da UMEI Céu Azul



Fonte: autoria própria.

A UMEI Céu Azul, situada na Rua São João Batista do Glória, 96, no Bairro Jardim Leblon, na região de Venda Nova, em Belo Horizonte (MG). Instituição fruto do empenho da comunidade da Vila Nossa Senhora Mãe dos Pobres, que perceberam, em 1992, a necessidade de uma instituição que atendesse à demanda das famílias carentes, cujas crianças ficavam na rua. Somente em 1998, através da

sistematização e da força da comunidade, aprovou-se, através do Orçamento Participativo(OP), a compra do lote e construção da unidade que atenderia às crianças da vila e comunidades próximas. Em 1999, adquiriu-se o lote. Em 2000, iniciou-se a construção. Em 2001, a obra foi concluída. A Associação Comunitária Vila Mãe dos Pobres se apresentava como mantenedora da creche identificada como Creche Comunitária Cisne Azul da Vila Mãe dos Pobres. O presidente da Associação apontou o interesse pelo convênio junto à Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Iniciou-se assim a compra de equipamentos para a referida instituição. Lei nº 8.679 Houve uma demora na regularização do convênio. Em 2003, a Associação Municipal de Assistência Social (AMAS), em parceria, gerencia as creches construídas com verbas do OP, o que isentava os pais de ajuda financeira. Em 2003, iniciou-se o atendimento às crianças, em novembro do mesmo ano, a sancionou-se a Lei nº 8.679 em Belo Horizonte, que criou as Unidades Municipais de Educação Infantil.

Em 2009, a Vigilância Sanitária solicitou adequações no prédio e isso impediu a renovação do alvará de localização e funcionamento em dezembro de 2011. Para resolução do problema, o lote ao lado foi desapropriado para reforma e ampliação da UMEI. A obra, iniciada em abril de 2012, foi concluída em janeiro de 2014.

Com a reforma e ampliação, construíram no novo bloco, hall (FOTO 2), rampa e playground (FOTO 3), seis salas de aula, sanitários infantis e especiais (FOTO 3), plataforma de elevação, passarela coberta, escada, o espaço de atendimento ficou com a seguinte estrutura: recreio coberto, ampliação da cozinha, refeitório (FOTO 4), dispensa e área de serviço, criação de um fraldário e um lactário e reforma do sanitário infantil. No segundo pavimento(FOTO 5), construíram sala de secretaria, sala de coordenação, sala de reunião com copa, sala multiuso, arquivo, ampliação dos sanitários e adaptações para crianças com necessidades especiais.

Foto2: Hall de entrada



Fonte: autoria própria.

Foto 3: Playground



Fonte: autoria própria.

Foto 4: Banheiros adaptados



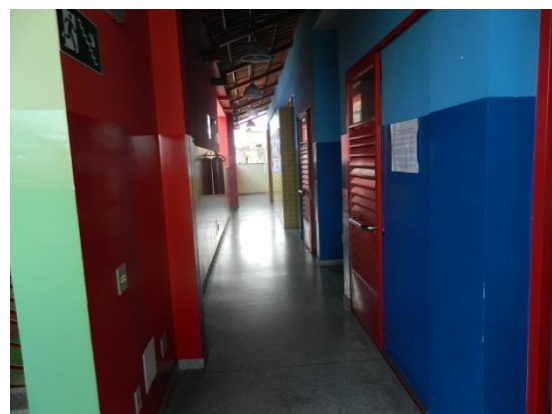
Fonte: autoria própria.

Foto 5: Refeitório da UMEI



Fonte: autoria própria.

Foto 6: Corredores das salas superiores



Fonte: autoria própria.

A unidade ganhou um bom espaço interno, mas os espaços externos ainda são bastante reduzidos, principalmente se comparar às outras unidades projetadas para a Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH).

O preenchimento das vagas é feito por sorteio, 70% é reservado para as crianças em situação de vulnerabilidade, 10% são sorteadas para as crianças que residem no entorno da escola e 20% restante para a comunidade inscrita.

Atendimento a partir de 2014:

- 12 crianças de 0 a 1 ano em horário integral;
- 12 crianças de 1 a 2 anos em horário integral;
- 16 crianças de 2 a 3 anos em horário parcial;
- 20 crianças de 3 e 4 anos em horário parcial;
- 20 crianças de 4 e 5 anos em horário parcial;
- 20 crianças de 4 e 5 anos em horário parcial;
- 20 crianças de 4 e 5 anos em horário parcial;
- 23 crianças de 4 e 6 anos sem horário parcial;
- 25 crianças de 5 e 6 anos em horário parcial;
- 25 crianças de 5 e 6 anos em horário parcial;
- 25 crianças de 5 e 6 anos em horário parcial.
- Total de crianças atendidas: 218

2 METODOLOGIA

Esta seção tem o propósito de apresentar a metodologia do estudo. Nela, os elementos que formatam a trajetória da pesquisa, ou seja, a caracterização da pesquisa de cunho quantitativo, o universo e a amostra do estudo, a análise qualitativa da pesquisa e o Plano de ação, que assim se apresentam a seguir.

2.1 Pesquisa

Para fazer um levantamento do público atendido, foi realizada a leitura da Ficha Individual da Criança da Educação Infantil — anamnese — (ANEXO A), como é chamada pelos profissionais da RME/BH. A professora que trabalhou com a Turma da União até o mês de maio de 2014 já havia entrevistado todos os responsáveis pelas crianças. A orientação para preencher anamnese (ANEXO A) é a professora marcar uma entrevista com um responsável pela criança, ler a perguntas para o entrevistado e anotar suas. Por conter um bom número de dados, considerou-se um instrumento ideal de pesquisa, pois o questionário traz algumas indagações já mencionadas na introdução deste trabalho: Qual o tipo de habitação? A rua é urbanizada? Algumas Informações sobre a família que a criança mora. Idade, grau de instrução, renda familiar, religião e profissão. O que a criança gosta de fazer? Se vê TV? O que gosta de assistir? Passeia? Onde? Com quem? O que faz nos momentos que não está na escola?

Em seguida, validou-se as respostas das entrevistas com as crianças em uma roda de conversa como é habitual no momento da acolhida. Entre essas, perguntou-se para cada criança o que gostavam de ver na televisão. A seguir o gráfico¹ lista os programas de televisão assistidos pelas crianças.

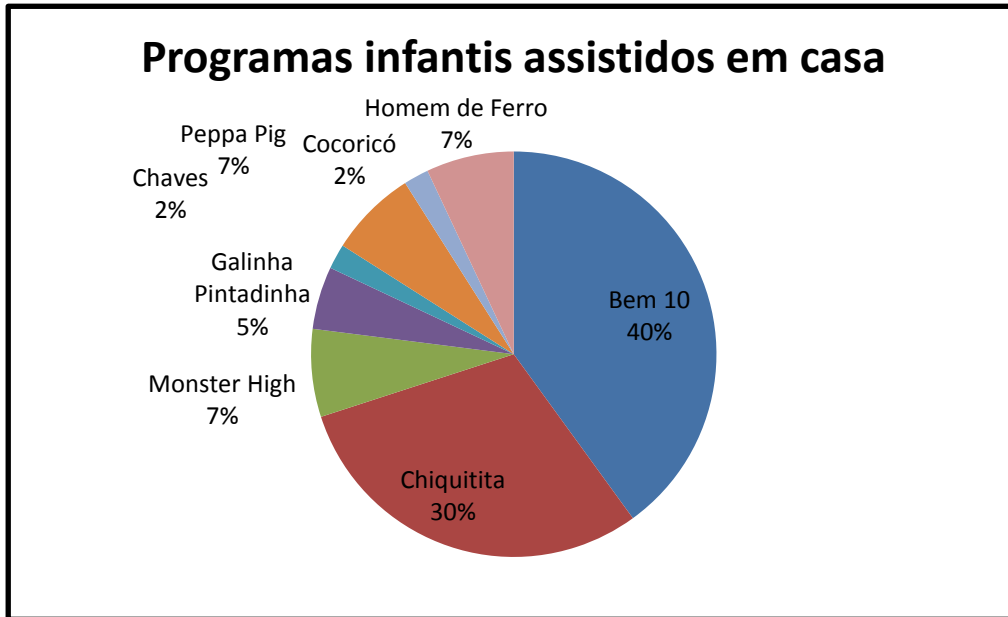


Grafico1: Programas infantis que as crianças assistem em casa

Fonte: dados da pesquisa.

No dia 07 de agosto, registrou-se, em fotografias, a interferência da televisão na Turma da União através das marcas de objetos portados pelas crianças. Mesmo que a PBH forneça uniformes e material escolar para as crianças que frequentam suas escolas, é comum ver alunos portando diversos objetos timbrados com os personagens dos filmes comerciais. O aluno Matheus Lucca estava com o tênis do Ben 10 (FOTO 6), Igor trouxe uma mochila do Batman (FOTO 7), Juan veio com o chinelo do Hot Weels, Matheus Cristófer portava o relógio do Homem Aranha e a mochila com a mesma marca, Kaíque Gabriel trouxe a mochila do Homem de Ferro, Camila estava com a mochila da Moranguinho, Davi estava com a mochila do filme dos carros. Na estante da sala, registrou-se uma coleção da Galinha Pintadinha. Observou-se que as crianças que portam esses objetos exibem para as outras como se tivesse o poder de atraí-las. Os meninos e meninas demonstram familiaridade com os personagens e tecem diálogos a respeito de suas histórias. A Maria Luíza disse: “Minha mãe vai comprar uma mochila das princesas com rodinhas.” O Eduardo falou para Matheus: “Você é meu amigo? Deixa eu ver seu relógio do Homem Aranha?”. Notou-se, ao narrar sobre os personagens, que em uma disputa entre as crianças, cada um tentava promover seu personagem como o melhor. Com o desenrolar do diálogo, a disputa passou a ser a de quem tem mais objetos com marca dos personagens.

Foto 7: Tênis com a marca Ben 10



Fonte: autoria própria.

Foto 8: Mochila com a marca Batman



Fonte: autoria própria.

Notou-se também, durante as brincadeiras livres na sala ou em outros espaços, mesmo que os brinquedos não eram marcados com os personagens dos desenhos ou filmes comerciais, a representação feita pelas crianças era como se portassem determinados brinquedos referentes às marcas registradas no gráfico 1. Kaíque Leonardo montava carrinhos com blocos, quando foi indagado sobre qual brinquedo havia montado, disse: “É um carrinho do Batman.”, e continuou reportando sobre filmes que já assistiu como *Homem Aranha*, filmes de terror, *Anaconda* e descreveu personagens e o enredo do filme *Como treinar seu dragão*. Durante momentos livres no parquinho, uma menina reclamou que o colega havia arranhado seu braço, quando foi indagado por que tinha agido daquela forma, ele disse: “É porque eu sou o Homem de Ferro.”.

Em outra área externa com outros modelos de brinquedos para montagem, observou-se que enquanto as meninas fazem suas representações com coroas de princesas, os meninos continuam confeccionando os automóveis presentes na mídia televisiva (FOTOS 9;10). Ao ser questionado sobre o que estava montando, um aluno disse que estava montando um Camaro. Ao lhe perguntar do que se tratava "Camaro", entram outros colegas na discussão e insistem em falar na cor do carro, enfatizada na música *Camaro amarelo*, à época, veiculada constantemente em programas semanais da televisão.

Foto9: Aluno montando carro de super herói de programas infantis de TV



Fonte: autoria própria.

Foto 10: Aluno imitando personagens de programas infantis de TV em brincadeiras



Fonte: autoria própria.

Com o objetivo de fazer um levantamento do uso da televisão em casa e o que pensam sobre o seu uso na escola, elaborou-se o Questionário sobre o uso da televisão em casa e na escola (APÊNDICE C) que foi aplicado durante a reunião de pais. Os pais/responsáveis assinaram o “Autorização de pesquisa, uso de imagem e de depoimentos” (APÊNDICES A;B), após uma explicação sucinta sobre o Plano de ação, destacou-se que O questionário seria apenas para coleta de dados e seu preenchimento não seria obrigatório. Foram entregues vinte questionários, obteve-se respostas em quinze questionários. A seguir, são apresentados os gráficos 2, 3, 4, 5 e 6 com os percentuais das respostas obtidas nos questionários a respeito dos descritores: 1-Quanto tempo seu filho assiste TV por dia?(GRAF. 2); 2-Algum adulto acompanha seu filho enquanto ele está assistindo TV? (GRAF. 3); 3-Você acha que a TV tem veiculado bons programas para crianças? (GRAF. 4); 4-Você acha que a programação veiculada na TV influencia na educação das crianças? (GRAF.5);e 5-Você considera positivo o uso da TV no ambiente escolar?((GRAF. 6).

1-Quanto tempo seu filho assiste televisão por dia?

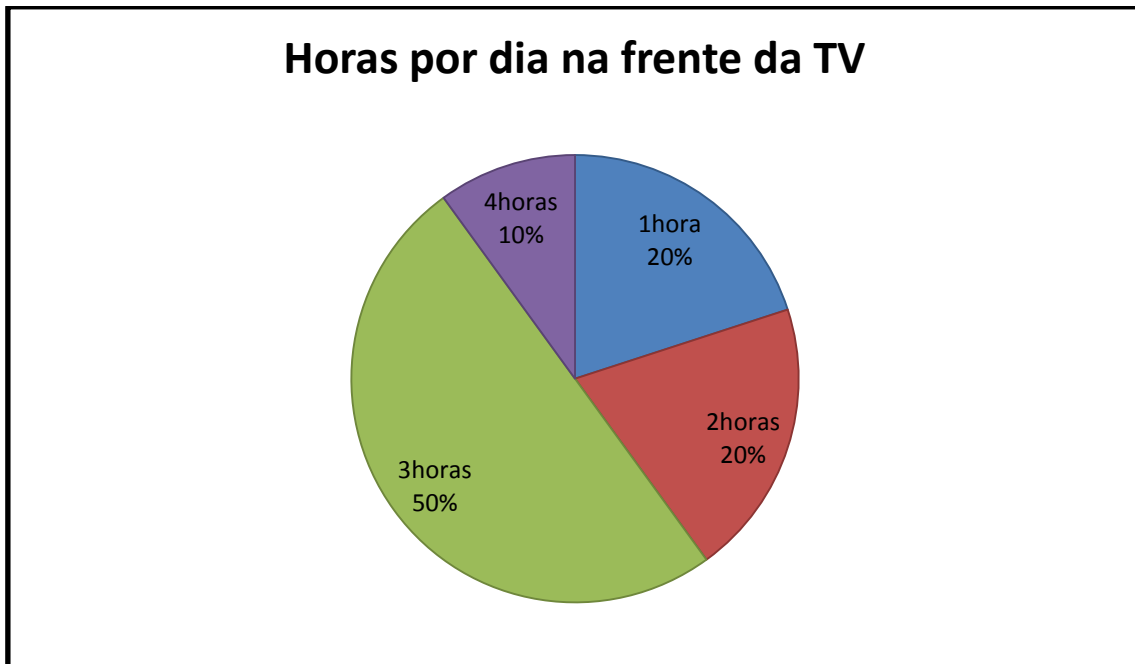


Gráfico2: Resultado do questionário sobre quantas horas os filhos assistem TV

Fonte: dados da pesquisa.

2-Algum adulto acompanha seu filho enquanto ele está assistindo TV?

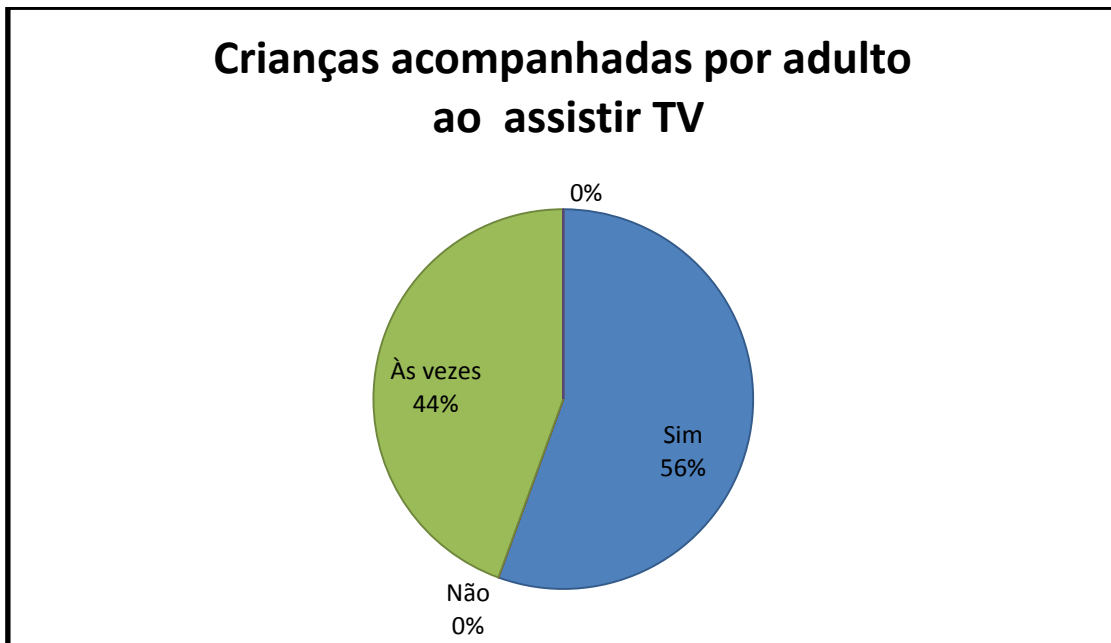


Gráfico3: Resultado do questionário sobre acompanhar os filhos assistindo TV

Fonte: dados da pesquisa.

3-Você acha que a televisão tem veiculado bons programas para crianças?

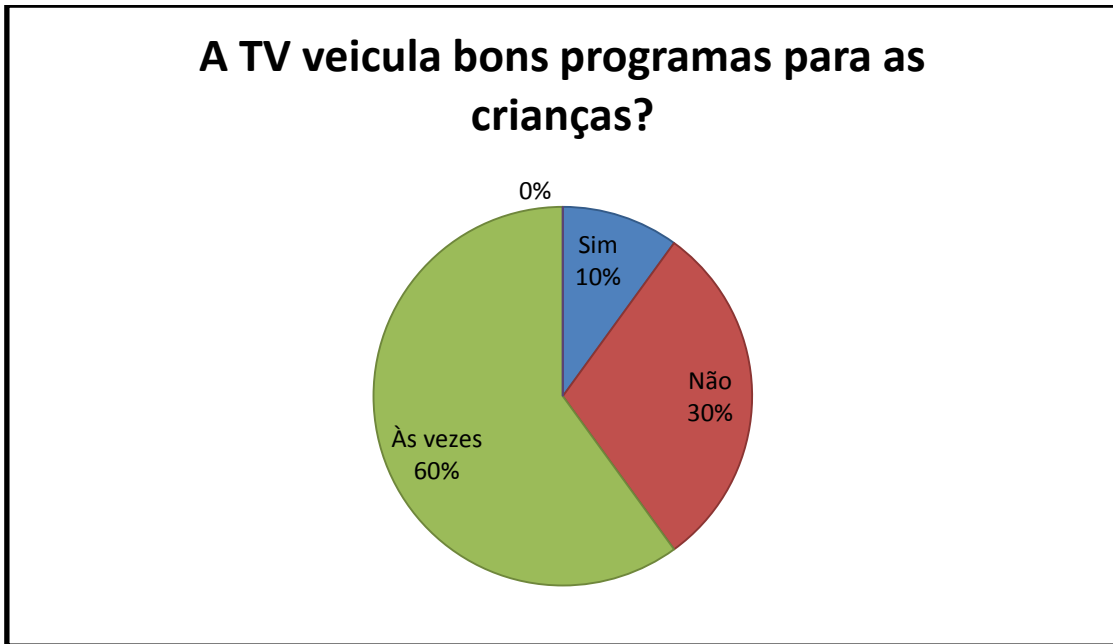


Gráfico4: Resultado do questionário sobre a qualidade dos programas infantis na TV

Fonte: dados da pesquisa.

4-Você acha que a programação veiculada na TV, influencia na educação das crianças?

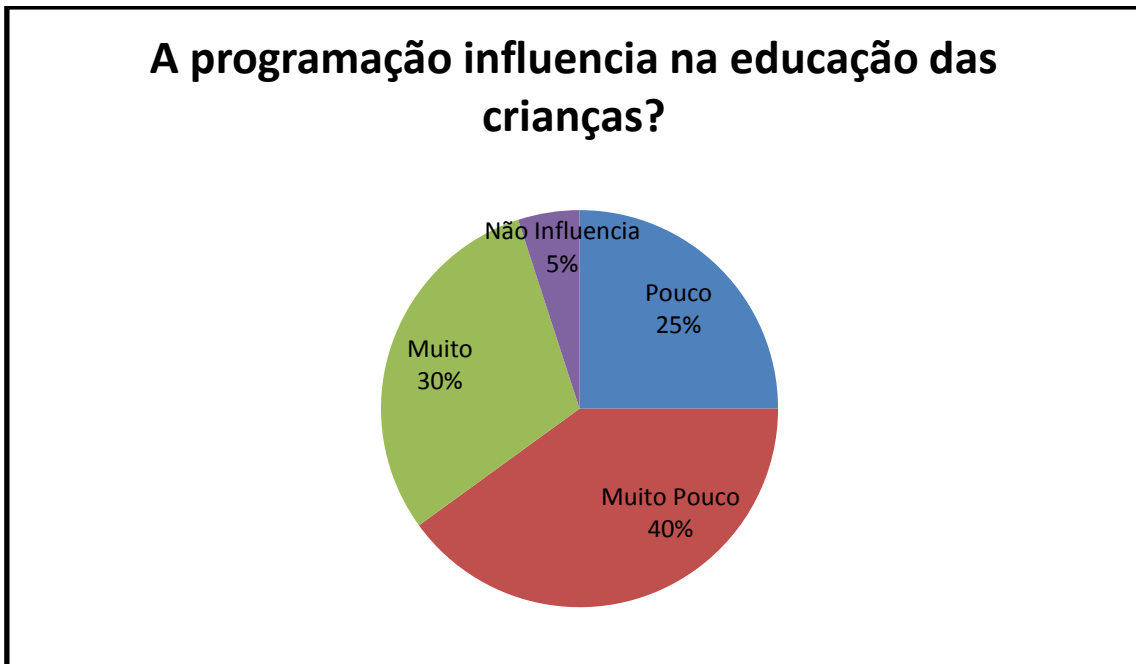


Gráfico5: Resultado do questionário sobre a influência da TV na educação das crianças

Fonte: dados da pesquisa.

5-Você considera positivo o uso da TV no ambiente escolar?

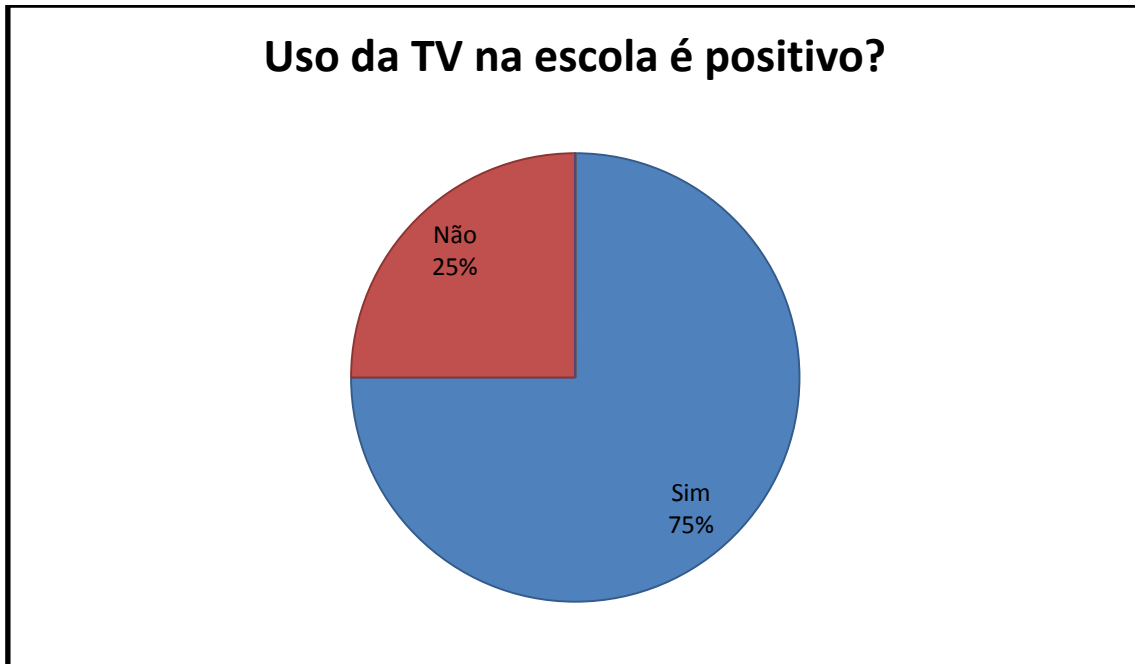


Gráfico 6: Resultado do questionário sobre o uso da TV na escola

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme gráfico 2, observou-se que a criança fica entre 4 horas a 1 hora diante da televisão e a maioria, 50% das crianças, fica em torno de 3 horas assistindo a televisão, uma minoria, 10%, fica durante 4 horas diárias e as demais, 40% das crianças, divide-se em dois grupos: um que fica durante 2 horas assistindo televisão e outro que permanece 1 hora. Com os resultados mostrados no gráfico 3, notou-se que a maioria, 56%, das crianças são acompanhadas por um adulto quando assistem TV e 44% dessas são acompanhadas às vezes. Com base no gráfico 4, constatou-se que, entre os pais entrevistados, a maioria, 60%, julga que às vezes a TV veicula bons programas para as crianças, uma minoria, 10% não concorda com isso e outros 30% concorda. Já o gráfico 5 registra que apenas 30% crê que a televisão influencia na educação das crianças, os demais se dividem em achar que não influencia, 5%, muito pouco, 40%, e pouco, 25%. Segundo resultados apontados no gráfico 6, a maioria dos pais, 75%, acredita ser positivo o uso da TV na escola.

2.2 Análise da pesquisa

Percebeu-se, pelo levantamento da renda familiar, que a maioria das famílias não tem condições financeiras para frequentar as salas de cinema, os passeios são geralmente para a casa de parentes e poucas frequentam outros espaços públicos como parques. A maioria tem acesso aos filmes comerciais através da televisão. O uso da TV também é justificado como distração, já que as residências são desprovidas de espaço para brincar.

As crianças geralmente assistem a programação dos canais abertos ou usam o aparelho de DVD. A aluna Camila disse que a mãe comprou o DVD da “Galinha pintadinha”, o Juan disse: “Eu tenho o DVD do Ben 10, do Homem de Ferro e Toystory”.

Conforme o gráfico 1, o filme de animação de maior preferência escolhido pela crianças foi *Ben 10*, pois ele faz parte de um programa infantil no período da manhã em um canal da tv aberta (gratuita). Produzido por uma grande franquia norte americana e é mais divulgado em um canal da televisão fechado (pago). Tem como personagem principal Bem, uma criança que, aos 10 anos de idade, ganha o relógio do pai. Tal equipamento possui uma tecnologia alienígena, o garoto pode se transformar em diferentes alienígenas e o relógio passa a ser parte de seu corpo. No enredo, o foco está na dependência da tecnologia como meio de sobrevivência. Essa franquia produz vários produtos com a estampa do personagem principal, que é mostrado incessantemente nos intervalos comerciais. Em outro filme citado, *O Homem de Ferro*, observa-se o mesmo direcionamento, o herói já não busca energia em si mesmo, ele possui uma máquina tecnológica que é acionada quando precisa do poder, possui uma armadura muito poderosa que lhe permite voar, que lhe dá força sobre-humana e armas especiais. Essa série conta as aventuras do jovem adolescente prodígio Tony Stark. Depois de um acidente aéreo que vitima seu pai, fere-se “e é obrigado a usar a armadura para substituir alguns de seus órgãos vitais se tornando assim o Homem de Ferro, usando a sua armadura para confrontar aqueles que usam tecnologia para o mal.” (HOMEM..., 2009).

Já a novela assistida por 30% das crianças, *Chiquititas*, é veiculada pelo mesmo canal do filme de animação descrito acima, nos intervalos comerciais e anunciada como “A novela da família brasileira”. É produzida pelo Sistema Brasileiro de Televisão e exibida desde 15 de julho de 2013, com término previsto para 2015, foi escrita por Íris Abravanel, que se inspirou na telenovela argentina homônima, de Cris Morena (CHIQUITITAS, 2015). Mantém os mesmos padrões das novelas veiculadas pelos outros canais que registram o maniqueísmo, as disputas românticas, a traição, a cobiça, a esperança, o desencontro, o ódio, o amor, etc.. Os figurinos e os cenários remetem ao mundo infantil, mas as narrativas e os dramas vividos fazem parte do mundo adulto. São bem demarcadas as questões de gênero e raça. Definindo papéis sociais para cada personagem. A exemplo, a empregada negra fica presa para salvar a madame e o cozinheiro, este é negro e seu trabalho é menosprezado na fala da personagem que contracenava com ele. A mocinha representada por uma criança se apaixona por um ídolo e busca ajuda para conquistá-lo nas redes sociais. Em cenas que aparecem o convívio das crianças com os adultos, é demonstrada a falta de autoridade deles na relação com as crianças, a figura do adulto nas representações não servem mais como referência. As crianças, em sua maioria, moram em um orfanato, dramas e cenas românticas são recorrentes. A escola, os espaços públicos, mesmo aqueles de origem mais humilde, são urbanizados e limpos, o vestuário e as relações sociais refletem, em sua maioria, um padrão de vida de classe média a alta. As cenas são permeadas de musicais com estilo contemporâneo, pode-se deduzir que os personagens saem do plano supostamente real e passam ao plano fantástico através da dança e da música.

É comum alunos portando diversos objetos timbrados com os personagens dos filmes comerciais, mesmo que a PBH forneça uniformes e material escolar para as crianças que frequentam as escolas da rede municipal,

Notou-se que as narrativas durante as brincadeiras geralmente, na maioria das vezes, as mesmas narrativas dispostas na programação da TV. Os brinquedos são nomeados com os nomes das marcas, Maria disse que brincou de Barbie, João falou que brincou de Hot Weels, quando se referem à brincadeira com boneca e

carrinho. Se ouvirem a palavra Moranguinho, provavelmente, pensarão em uma boneca.

Percebeu-se, durante as brincadeiras, que os brinquedos utilizados para criar um ambiente de imitação do adulto perderam essa função. As bonecas que antigamente eram filhas, eram cuidadas, são objetos usados para projetar uma imagem futura, de corpo exuberante, cabelo liso, louro e, principalmente, aquela que se troca a roupas e consome produtos de beleza são as preferidas pelas meninas.

Durante as brincadeiras com carrinhos, observou-se que os carros precisam imprimir velocidade, voar de rampas, dar piruetas, não devem estar simplesmente rodando na pista do chão, precisam fazer espetáculos, afinal, são movidos pelo poder e, conseqüentemente, quem os possui passa a deter o mesmo poder de sedução. O que é mostrado nitidamente no diálogo entre os alunos Eduardo e Matheus: “Você é meu amigo? Deixa eu ver seu relógio do Homem Aranha.”.

2.3 Execução das ações

Com a intenção de produzir outros tipos de narrativa foi proposto brincadeiras com máquinas fotográficas. As crianças foram organizadas em roda, algumas máquinas fotográficas antigas e celulares com máquina fotográfica acoplada foram dispostas no centro da roda. Somente uma máquina com marca de uma personagem da Disney foi colocada entre as outras intencionalmente. As meninas reconheceram a personagem e queriam pegar a máquina mesmo antes da autorização para manipulação das máquinas. Foi explicado como era o uso das máquinas antes das máquinas digitais. O envolvimento das crianças na atividade foi satisfatório. Trocaram de papel, brincavam de fotografar e de ser fotografados. Fizeram posições imitando adultos ao fotografar. Pediam aos colegas que fizessem tal pose. A Maria Luíza pegou a máquina com a marca da personagem da Disney e narrou através da imagem que era mostrada no interior da máquina. Disse: “Dentro da máquina tem luz para a Tinker Bell, ela está conversando com a irmã dela, relatou as cores do interior da máquina (FOTOS 11;12).

Foto 11: Aluna brinca com câmera de brinquedo



Fonte: autoria própria.

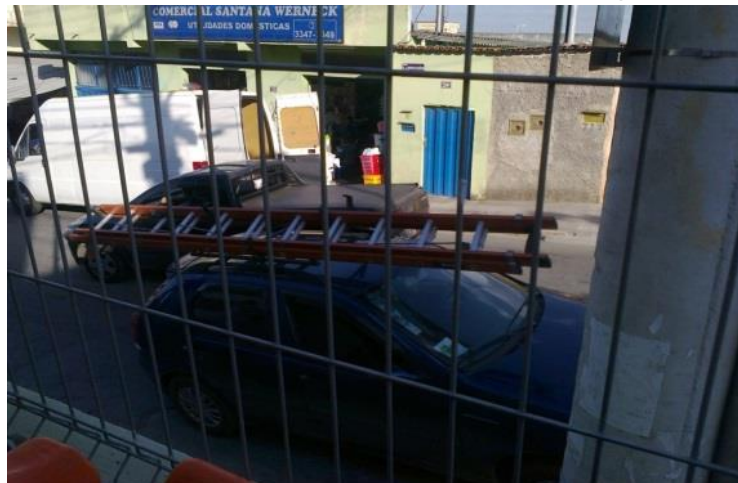
Foto 12: Alunos brincam com câmeras antigas



Fonte: autoria própria.

A proposta do registro com fotografia foi realizada não com o objetivo de ensinar técnicas fotográficas, mas perceber possibilidades de criação de narrativas com as imagens registradas durante as brincadeiras. A falta de uma máquina fotográfica inicialmente fez com que tivéssemos disponibilizar nossos celulares para as crianças fotografarem. A Siele, professora de apoio da turma, registrou a aluna Camila fotografando os colegas no parquinho. Foram registradas boas imagens, com destaque para as sombras. Todos queriam registrar fotos principalmente dos colegas que faziam poses. Demonstraram interesse em registrar o espaço e além das grades da escola. O movimento de carros e pessoas na rua, que é bem próxima, pois o passeio da rua é bem estreito e o trânsito de carros bem intenso (FOTO 13).

Foto13: Foto da entrada da UMEI Céu Azul tirada por uma aluna



Fonte: aluna Emilly.

Com objetivo de explorar outros espaços, organizou-se um passeio para o parque Jardim Leblon que está localizado bem próximo à UMEI. Durante o passeio ao parque, algumas crianças reconheceram o trajeto que fazem para chegar à escola se interessaram bastante em explorar os espaços, brincaram com folhas e sementes. Fotografaram as brincadeiras diversas e o espaço (FOTO 14;15). Geralmente ao serem fotografados, os meninos e meninas queriam visualizar as imagens imediatamente e demonstravam em suas expressões faciais se gostavam ou não do resultado. Acredita-se que é uma tendência da modernidade com os aparelhos digitais. Tendência de um mundo cada vez mais voltado para o imediato.

Foto 14: Aluna tirando foto dos colegas no parque



Fonte: autoria própria.

Foto 15: Foto tirada por aluna no parque



Fonte:aluna Ágatha.

Ao realizar a roda de conversa dia 06 de setembro, sobre o passeio ao museu dos brinquedos com o objetivo de significar, contextualizar o tema e aguçar a imaginação dos meninos e meninas, eu disse a eles que ao chegar à sala encontrei uma boneca e que ela queria muito conhecer o museu. Se eles iriam ajudá-la a realizar o sonho da boneca. Para isso, seria preciso arrumar um uniforme para que ela ficasse igual a eles e, assim, ninguém perceberia a sua presença. A maioria disse que iria ajudar a realizar o sonho da boneca. Foi enfatizado que seria um segredo da turma.

No dia do passeio, dia 08 de setembro, logo na entrada, os alunos Matheus e Kaio disseram que teríamos de vestir a boneca. Após o lanche, pedi a eles que fossem ao túnel, local em que a boneca estava escondida (FOTO 16). Entreguei o uniforme à aluna Maria Vitória e eles foram vestir a boneca. A aluna Camila fotografou a ação.

Na saída para a entrada no ônibus, Matheus se exhibe para a câmera segurando o braço da boneca como se quisesse chamar a atenção para ele. Todos se sentaram e colocaram o cinto na boneca como em todas as crianças. A máquina fotográfica foi disponibilizada para a aluna Camila fotografar o que quisesse. Ela fez algumas fotos do trajeto. A boneca esteve junto com eles durante as atividades (FOTO 17). A aluna Maria Luíza quis colocar a boneca perto do vidro com as outras bonecas expostas, o que foi fotografado pelo Matheus. Eles se distraíram olhando as gavetas expostas na mesma sala, todos se dirigiram para a sala de fotos antigas, na sala de vídeo games, eles puderam experimentar as luzes e os sons de cada tipo de aparelho, deixando-os bastante extasiados com efeitos. Foram lanchar e, depois, levadas ao ônibus, A Regiane, monitora de inclusão, levou a boneca para o ônibus. Nenhuma criança se lembrou da boneca.

Foto 16: Alunos no túnel vestindo uniforme na boneca



Fonte: aluna Camila.

Foto 17: Alunos levando a boneca para o museu



Fonte: autoria própria.

Precisávamos fazer uma representação do passeio ao museu para a exposição de brinquedos e brincadeiras que aconteceria na escola. No dia 11 de setembro de 2014, sentamo-nos em roda, eles visualizaram as fotos do passeio ainda na máquina. Nesse momento, os alunos Juan e Camila perguntaram onde estava a boneca. A aluna Maria Luíza disse: “Ficou no museu.” Os alunos Matheus e Eduardo falaram: precisamos voltar lá para pegar a boneca. A aluna Ágatha demonstrou-se preocupada com a boneca. A conversa terminou com a escolha da foto mais interessante, escolheram a que a boneca foi fotografada junto com as outras bonecas e aparece um reflexo, o que deu a impressão que ela entrou na vitrine.

Como a conversa demorou, o tempo maior que o previsto, a professora que trabalha roda de música entrou no diálogo e disse que a boneca não queria vir embora, ela havia gostado de ficar brincando.

Para o dia 16 de setembro de 2014 o planejamento previsto era a pintura da foto do passeio ao museu, providenciou-se a foto em um tamanho que fosse possível perceber os detalhes (FOTO 18). Eles disseram as cores que estavam na foto e que precisariam para a atividade. Perceberam os detalhes da parede, pediram para usar a tinta branca na parede. Realizaram a atividade com bastante disposição. O objetivo previsto era aumentar o repertório de leitura de imagens e a narrativa não foi totalmente alcançado. A atividade foi realizada somente por dez alunos, pois outros alunos estavam em casa de repouso por causa da catapora.

Foto 18: Alunos pintando o passeio no museu



Fonte: autoria própria.

Para que houvesse um maior envolvimento com as famílias e enriquecer o repertório de narrativas, no dia 23 de setembro de 2014, o planejamento era veicular para as crianças o curta metragem brasileiro *Dona Cristina perdeu a memória* dirigido por Ana Luíza Azevedo(2002). Para que eles fizessem a propaganda do filme que os pais iriam assistir no dia da exposição dos brinquedos e brincadeiras. Perguntei à professora Siele, professora de apoio, se poderia usar o horário disponível para ela

na sala de vídeo. Quando fui testar o aparelho de DVD, estava estragado. Siele se dispôs a trazer o seu aparelho de casa. Indiquei o filme para que ela assistisse. A professora disse que assistiu ao filme e gostou. No momento em que fomos para a sala com as crianças, ela propôs passar um filme sobre higiene bucal. Disse que achava que, por aquele filme, as crianças não se interessariam. Disse a ela que estava dentro do tema do projeto, que era brincadeiras. Falei que não teria problema se eles não gostassem, queria ver a reação deles diante do filme. O local estava bem quente e a luz do sol incidente sobre a imagem, as crianças assistiram ao filme com atenção (FIG. 1). Nem os gritos de um colega de inclusão atrapalharam a concentração. Houve um pouco de movimentação, o que é comum para a faixa etária. O aluno Juan envolveu-se tanto com o enredo que balançava o corpo como o patinho que marcava o tempo no filme. Observei todos com os olhos fixos na TV, o aluno Kaíque Gabriel manteve a mão na boca o tempo todo. Apesar do colega que está ao lado Kaíque Leonardo e da Camila fazerem deslocamentos e dar gritos, eles continuaram atentos ao filme. Igor movimentou uma almofada ao som da trilha sonora do filme. O registro não ficou com boa qualidade, era necessário o uso de outra câmera para captar as imagens do lado oposto ou uma melhor orientação de um profissional.

Figura 1: Frame - Alunos assistindo ao curta metragem *Dona Cristina perdeu a memória*



Fonte: autoria própria.

Com a proposta de veicular o curta metragem para as famílias no dia da exposição de brinquedos e brincadeiras. Procurei a vice-diretora, perguntei se conhecia o filme e que seria interessante se pudéssemos veicular para os pais no dia da exposição. Ela me disse que não o conhecia, relatei o enredo. Ela me disse que iriam precisar da televisão para passar os vídeos dos brinquedos e brincadeiras e continuou seu discurso dizendo: “Já disse para vocês usarem o tempo da reunião de pais. Se você quiser pode usar a sala multiuso.” Mas os aparelhos da sala continuavam com defeito.

Pensou-se em fazer um convite para que os pais fossem um pouco mais cedo para assistir ao filme e buscar as crianças. Mas algumas crianças utilizam o escolar, os pais demonstram estar bastante apressados no horário da saída. Em horários intermediários eles estão no trabalho.

Com o objetivo de colocar as crianças em contato com as imagens impressas em papel, ampliar a percepção do mundo através de imagens, tornar possível o diálogo entre imagem e texto oral e possibilitar uma reflexão sobre as imagens presentes nas telas. Dia 07 de novembro de 2014, no horário da acolhida, levei para a sala o envelope contendo as fotos. Pedi que as crianças se sentassem no chão em minha frente. Com o envelope nas mãos lhes disse: “Abra cadabra, chicote de cabra vai aparecer...” O aluno Bruno nos disse: “Camisa”, Maria Luíza, “Ursinho.” Eles demonstraram não conhecer o envelope, objeto que era bastante comum há pouco tempo atrás. Percebe-se que eles estavam mais familiarizados com fotos nos aparelhos, gostavam de ver as fotos imediatamente após os registros. A atividade foi interrompida pela coordenadora que entrou na sala, fazendo uma homenagem pelo dia do professor. A monitora de inclusão não conseguiu registrar todas as ações desde o início.

Foi reiniciada a atividade logo após a saída da coordenadora. O aluno João identificou o envelope de fotografias. Deixei as crianças manipularem as fotos e comentar o que estava na imagem. Eles reconheceram os locais, reconheceram-se, fizeram comentários de fatos acontecidos durante a excursão. Disse que iríamos construir a história da boneca, gravar para passar na TV. Eles ficaram bastante entusiasmados.

A ideia inicial era que o aluno Kaíque Leonardo fosse narrando através das imagens das fotografias e os colegas participasse fazendo os sons. Foram selecionadas as fotos para o trabalho. Como no livro “Inventar com a diferença” (MIGLIORIN,2014)informa que a narração de fotos pode ser feita com treino anterior, conversei com a mãe do Kaíque, relatei como seria o trabalho e perguntei a ela, se ele levasse as fotos, ela treinaria com ele no final de semana. Falei que era uma gravação para passar na TV. Outras mães que estavam por perto e ouviram e questionaram, pois queriam que seu filho também aparecesse na TV. Disse que todos iriam participar e que eles veriam na reunião de pais. Uma mãe falou demonstrando grande decepção: “Ah, achei que era na TV...”

Pensando na possibilidade de envolvimento de um maior número de crianças na narrativa da história, planejei trabalhar com a turma toda.

No dia 11 de novembro de 2014, durante a roda de conversa, combinamos como seria a narrativa. Deveriam falar o que era lembrado do passeio, o que aconteceu, o que gostariam que tivesse acontecido. Matheus disse: “Eu fui de ônibus, mas queria ir de Camaro.”; Juan: “Fui no sítio, lá tinha cavalo.”; Kaíque Gabriel: “Eu fui de moto com o Matheus.”; Kaíque Leonardo: “Tinha muitas bonecas no museu.”; Eduardo tinha carrinho no museu.”; Maria Luíza: “Eu vi uma boneca grande, ela fala? Achei linda.”; Luiz Miguel: Eu vi os vídeos games.”; Maria Vitória: Porque fecharam a porta.”; Bruno: Onde está o pneu do ônibus.”; Igor: O ônibus era grande.”; Emilly Ferreira: Eu estava com catapora.”; Víctor: O robô era grandão.”; Juan: Eu vomitei no ônibus.”; Camila: A boneca nina gostou do Museu.”; Matheus Lucca: Eu não fui ao passeio.”; Kaio:” Eu comi pão com presunto e suco.”

Havia pedido para a monitora de inclusão para filmar. A gravação ficou com o som muito ruim porque havia muito ruído externo. Foi um bom exercício de narrativa, os meninos e as meninas se expressaram sem imitar a fala do outro, o que não era comum nas rodas de conversas anteriores (FIG 2) .

Figura 2: Frame - Alunos narrando a visita ao museu



Fonte: autoria própria.

Busquei levá-los a uma percepção do que está por trás da fotografia, compreender que sentido teve o passeio para cada criança, quais elementos culturais foram inseridos ao seu repertório, despertá-los para um diálogo entre o real e o imaginário e, por isso, identificar a presença da subjetividade nos diálogos.

Para fazer a gravação, as crianças foram organizadas em grupos com seis crianças. O local escolhido para isso foi a sala multiuso, pois é o único local da escola que tem menos interferência de ruídos. Mas não é privilegiado para esse tipo de atividade, por haver muitos atrativos como livros coloridos, tapetes, almofadas coloridas que fazem com que as crianças se distraiam com facilidade.

As fotos foram organizadas em sequência em cima do tapete. Antes de gravar pedi que eles conversassem sobre o passeio. Eles observaram atentamente a foto e o aluno Matheus Cristófer começou o relato. Estava sozinha com eles e não havia ligado a câmera. As falas do Matheus eram bastante coerentes com as imagens observadas. Ao sobrepor as fotografias expressavam seu raciocínio, para demonstrar o que estava por trás da porta. O aluno Juan observa atentamente a foto mais próxima dele, entrou na narrativa quando o Matheus disse que o brinquedo que mais gostou foi o robô, e falou que não gostou do robô, então mostrou outra foto

onde estava a montagem com lego e uma vitrine cheia de outros brinquedos. Quando perguntei se não tinha o robô na foto, o Matheus interferiu mostrando por trás da foto, voltando para o concreto e dizendo que não havia objeto algum ali. O Juan ainda disse que vomitou no ônibus, mas com sua voz é muito baixa e as alunas Emilly Ferreira e a Emilly Souza estavam rindo, não ficou nítida sua fala. O aluno Igor demonstrou muita timidez, balançou bastante o corpo e falou baixo. As alunas Ágatha e a Emilly Souza não se expressaram com fala, mas prestaram atenção na narrativa do Matheus. Começou a chover forte e fazer bastante barulho, como não chovia há muito tempo e estávamos ansiosos pela chegada da chuva, fomos para a janela observar a chuva.

Apesar da dificuldade de organizar o grupo e gravar, penso que foi alcançado parcialmente o resultado, eles apresentaram elementos pertinentes. Expressaram-se mesmo com alguma dificuldade, completaram o raciocínio do colega. Entenderam a fotografia como portadora de um texto. O diálogo entre o real e o imaginário esteve bastante presente. Não foi possível a participação de todos do grupo por interferência da chuva.

Não havia planejamento para gravação no dia 13 de novembro de 2014, quando o aluno Kaíque Leonardo me viu chegando e me disse que eu tinha gravado com os colegas e que ele também queria gravar. A professora que estava me substituindo, falou que não tinha problema em retirá-los da sala.

Fomos para a sala de multiuso, mas estava ocupado por outras crianças. A secretária me disse que a sala da direção estava vazia. Entramos na sala, fechei a porta, eles demonstraram gostar de ocupar aquele espaço, o Bruno me perguntou se não tinha problema nós ficarmos lá. Expliquei que a diretora tinha saído para um curso e não voltaria naquele dia. Organizei a sequência de fotos, sentamo-nos em semicírculo. O aluno Kaíque Leonardo começou a narração falando sobre a entrada no ônibus e prosseguiu ora com elementos presentes nas imagens, ora com elementos de filmes veiculados pela televisão. O aluno Bruno destacou bem o elemento da imaginação quando disse que a boneca quebrou o vidro, e colou, e entrou para a vitrine, referindo-se a um reflexo na foto. O aluno Kaíque falou que a boneca poderia quebrar a porta, pois o personagem do filme quebra, a polícia dá tiro na porta, referindo-se a juízo de valores mesclando o real e o imaginário. Os alunos

Maria Luíza, Bruno e Kaíque fizeram imitações com gestos referindo-se ao personagem. A aluna Camila disse que tinha um DVD do personagem e também relatou as ações do personagem. Kaíque chamou a atenção da Maria Luíza quanto ao cuidado com as fotos. O Eduardo falou pouco, narrou apenas a foto do momento em que vestiram a boneca no túnel. Eles se envolveram bastante na atividade, o Eduardo e Maria Luíza levaram as fotos à boca no momento que a Camila falou que queria lanchar mais, Kaíque disse: “Hum... que delícia.” A Maria Luíza entrou debaixo da mesa e o Kaíque queria brincar com a lixeira (da Jolie, marca famosa no universo de materiais escolares, como mochila, cadernos, estojos, etc.). O grupo contou a história com muita desenvoltura, demonstrando um bom entrosamento entre eles (FIG.3).

Figura 3: Frame - Alunos em grupo narrando a visita ao museu



Fonte: autoria própria.

Dia 14 de novembro de 2014, às 14h30, com o auxílio da coordenadora para a gravação, organizamos as crianças em roda na sala de multiuso, sentamo-nos em roda, mas as crianças quiseram se deitar, então, deitaram-se de modo que todos visualizavam as fotos. O Davi pegou a foto que tinha sua imagem para narrar. Enquanto o Davi mesmo com dificuldade na linguagem tentava narrar, o João brincava tentando virar uma foto como se fosse figurinha. O Kaio se interessou pela mesma foto e disse: “é a foto dos meus amigos.” O Víctor observava com atenção. O Kaio, mesmo tendo pouco desenvolvimento na fala, manifesta interesse na narrativa.

O Matheus Lucca apenas balança a cabeça dizendo que não foi. O Kaio justificou a ausência do colega explicando que ele estava com medo e continuou dizendo que ele tem medo de elefante. A Maria Vitória disse para o Matheus não ter medo porque não tem nada lá. O Vítor pegou uma foto e disse que estava vendo o Davi. O Davi falou que não estava na foto. Naquele momento, às 14h34, a máquina filmadora avisou que a memória estava cheia.

Na terça feira dia 18 de novembro de 2014, às 14h10, novamente com o auxílio da coordenadora, foi retomada a atividade de leitura de fotos e a sua filmagem (FIG. 4) O Kaíque Gabriel começou destacando a semelhança entre dois alunos da sala. Ele disse: “A cara do Kaio é igual a do Matheus.” Então, chamou a atenção para as fotos. O Kaio começou a falar, mas falava bem baixo não dava para entender o que ele estava dizendo. Os outros colegas chegaram para perto do Kaio e começaram a falar também. O Kaíque disse que entrou no ônibus fazendo o barulho e fazendo gesto com a mão. O Kaíque disse que a porta estava fechada e nós abrimos. A Maria Vitória perguntou sobre a boneca grande que aparece na foto. Respondi que é da coleção do museu. Eles falaram juntos e não ficou nítida a fala de cada um.

Figura 4: Frame - Alunos fazendo leitura de fotos tiradas no museu



Fonte: autoria própria.

O Luiz demonstrou timidez e demorou a falar e se expressou bem baixo, disse que gostou dos brinquedos de casinha. Enquanto o Luiz pensava para falar, o João transitava entre o tapete e as almofadas. O Kaio disse: “Quem está atrás da porta tá preso.” Kaíque relatou como a Camila escondeu a boneca para entrar no museu. Nesse momento, o Kaio começa a falar de um baile funk. O Kaíque disse que a porta estava trancada e não havia nada atrás dela. O Kaio falou que viu um passarinho da janela do ônibus. O kaíque disse que o pombo estava no fio. Perguntou ao Kaio sobre o que de gostoso tinha lá, ele disse pão com presunto e suco.

Observou-se uma interferência da presença da coordenadora, eles falaram mais baixo, o Luiz teve dificuldade de se expressar, o que não é comum em rodas de conversa na sala de aula. Mas apresentaram elementos que não estão presentes nas outras narrativas.

No dia 11 de dezembro de 2014, realizei algumas narrativas individuais como está no material do projeto “Inventar com a diferença” e foi me sugerido pela professora Elza Cataldo, cada um narraria uma história, mas o resultado ficou aquém do trabalho realizado com o grupo. Pois, no trabalho com o grupo, eles complementavam a fala do colega. Sozinhos, parece que ficaram tímidos diante da câmera focalizada somente em direção a eles. Penso que o trabalho em grupo oportunizou a prática da alteridade, o respeito ao ponto de vista do outro. Foi possível respaldar o direcionamento do projeto “Inventar com a diferença”, “[...]imaginamos ser possível um trabalho colaborativo, sem competição, atento ao outro, aberto às diferenças e modos de vida que constituem nossas comunidades.” (MIGLIORIN,2014, p.12)

3 ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

A criança traz para a escola as narrativas aprendidas no ambiente familiar, pois é na família que ela constrói suas primeiras falas. Há algum tempo, o desenvolvimento da habilidade para narrar experiências pessoais, bem como a estruturação verbal, ficava a cargo da mãe ou outro adulto que cuidava da criança. Freire (1989) retoma o momento de sua primeira infância para nos dizer que, a partir do momento que nascemos, começamos a ler. Descreve com clareza os detalhes da casa onde viveu sua infância, o sítio de sua mãe, mostra-nos a intimidade criada por ele a partir do entendimento e percepção do “seu mundo”. Nas palavras de FREIRE(1989, p.09): “Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial me dava a mim como mundo da minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras”. O autor leva-nos a uma percepção clara de que a leitura de imagens acontece bem precocemente.

Atualmente a televisão pode ser comparada a esse membro da família, ou parte da paisagem do mundo particular da criança. Pois hoje, na maioria dos lares, geralmente há mais de um aparelho. Para o bem ou para o mal, tem exercido o papel na construção das primeiras narrativas, pode-se dizer que tem exercido a função com bastante eficácia.

Durante a realização do plano de ação, ao observar as crianças com a brincadeira de montagem de blocos, ao traçar um diálogo com o aluno Kaíque Leonardo, percebe-se uma narrativa bem estruturada sobre os filmes assistidos por ele via televisão. Ele me disse: “Olha o meu carro do Batmam”. Perguntei se ele já tinha assistido ao filme do Batmam. Ele me disse: “Já assisti, até do homem aranha, até de terror, até da anaconda e tem aquele que cuida de seus dragões, os dragões têm o olho verde para matar os caras que são os outros dragões, tem também o Solução e o Banguela. O soluço e o banguela não são amigos. O Solução tá namorando aquela menina do cabelo amarelo”.

Para Vygotsky, a criança convive em contextos em que a cultura é que define os significados. Ao dizer que pode arranhar o braço da colega, pois é o Homem de Ferro, o menino mostra claramente como o filme assistido o influenciou em sua ação

e narrativa. Durante as brincadeiras e rodas de conversa, o cruzamento de falas contextualizadas teve como função criar diálogos transcendendo e alargando a estrutura de mundo social até então construído, conforme disposto no artigo quarto das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (BRASIL, 2009), estabelecidas pela Resolução nº 5 da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE)

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é um sujeito histórico e de direitos que nas suas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, CEB/CNE Nº 05, de dezembro 2009).

A atenção ao fato de que criança aprende brincando, e que as diferenças trazem completudes. Brincar dita algumas regras como necessariamente se colocar no lugar do outro. Alguém precisa ser o pai, outro a mãe, o médico, o fotógrafo. São todos dependentes da ação e principalmente da fala do outro para que a brincadeira aconteça. A proposta de brincadeiras com máquinas fotográficas possibilitou a encenação e troca de papéis e o enriquecimento das narrativas a partir do contexto com as imagens, de acordo com o *Referencial Curricular para a Educação Infantil—RCNEI* (1998).

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de as crianças, desde muito cedo, poderem se comunicar por meio de gestos, sons e, mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (RCNEI, 1998, p.22).

Os deslocamentos para além das grades da escola trouxeram uma dinâmica para, sobre tudo, enxergar o já visto, observando o detalhe da rua, dos carros, das árvores, das folhas, das sementes e do outro. Desvendar novos espaços e reinventá-los por meio de imagens fotográficas, reconhecê-los como educativos, marcando e deixando marcas, alfabetizando nosso olhar enquanto construtores da arte. Para Eiterer e Pereira (2010), o acesso aos bens culturais oportuniza novas competências e habilidades, elaboram-se novas interpretações, conquista-se a criticidade das anteriores, criando elos permitindo um novo significado.

Pode-se perceber uma inquietação sobre o uso da imagem há algumas décadas, com o incremento das tecnologias audiovisuais e um maior alcance da população, principalmente das grandes metrópoles, a esses bens culturais, o desenvolvimento da indústria do audiovisual acabou por industrializar também os bens simbólicos. Já na atualidade, com o incremento da tecnologia digital, essa preocupação fica mais intensa, pois esse tipo de tecnologia traz um excesso de imagens e não há tempo para desvendá-las.

As coisas são deformadas pela rapidez dos movimentos. É como se tudo e todos fossem somente imagens desfocadas. Como se não mais pudéssemos divagar, tudo é instantâneo, pronto, não há o que sugerir. Cria-se uma menor possibilidade de pertencimento ao mundo e de significá-lo por meio de suas paisagens, segundo Peixoto (1988).

Com a generalização da imagem, porém o próprio princípio de representação deixa de funcionar. As imagens passaram a constituir elas próprias à realidade. Não se pode mais trabalhar com o conceito tradicional de representação, quando a própria noção de realidade contém no seu interior o que deveria representá-la. Torna-se difícil distinguir o que é real e o que não é. Nesse universo feito de imagens, o real não tem mais origem nem realidade. (PEIXOTO, 1988, p.362).

O desafio atual é significar, retomar a “fase” humana da nossa existência, sairmos do superficial, olhar como se nunca tivéssemos visto, ver e contar o simples.

A partir das narrações feitas pelas crianças durante a gravação da história do passeio ao museu, os meninos e as meninas mostram como são representados na ficção veiculada pela mídia televisiva na atualidade, e como devem se comportar para solucionar problemas cotidianos. O personagem cresce, enche-se de energia e tem força suficiente para quebrar objetos e defender seus amigos. Nos jornais sensacionalistas não é diferente, os policiais treinados, sobem e descem morros com muita agilidade, chutam portas e disparam tiros. Muitas vezes são considerados heróis pelos apresentadores que justificam suas ações como normais. A normalidade está em dizer que é a luta do bem contra o mal. E no ambiente escolar, quem representa o bem e quem representa o mal?

Essas representações com estímulos à velocidade e à agitação descontextualizam a escola, pois a maioria do tempo passado na escola requer da criança concentração. As práticas disciplinares não comportam velocidade, nem energia em excesso. Para Silva e Paraíso (2010), as crianças apresentadas dessa maneira demonstram uma forma de conexão com a pós-modernidade, era de mudanças rápidas e de grande incremento da tecnologia. Na prática, são formas de conquistar um público, principalmente o infantil, ensinando-lhe um descarte rápido previsto para o mundo do consumo.

Refletir o cinema na escola cria possibilidades de trafegar por outros espaços, perceber e reinventar caminhos, reconsiderar alguns e quem sabe ressignificá-los. A apresentação do curta metragem *Dona Cristina perdeu a memória* como exercício de narrativa, demonstrou na contramão dos filmes de animação e de consumo, uma estratégia do tempo a favor da construção e significado da narrativa. O olhar que visita várias vezes o mesmo cenário com possibilidade de outras nuances na história. As indagações sobre a veracidade da amnésia de Dona Cristina. A alteridade presente na trama —o menino que não consegue romper seus obstáculos e a senhora idosa que precisa lembrar ou re-significar através de sua história os objetos guardados por ela —apresenta outro ponto de vista do olhar, reformulando ou trazendo o surgimento de uma nova sensibilidade.

4 A NARRAÇÃO DAS FOTOS DO PASSEIO AO MUSEU

A narração de fotos como exercício de narrativa foi apresentada ao grupo com perspectiva de um maior envolvimento do grupo e, conseqüentemente, com a alteridade. Ao incluir a boneca no passeio, pensou-se em uma maior contextualização, por ser um elemento presente no cotidiano da escola. A presença de um objeto conhecido possibilitou fusões e construção de significados. Ao propor que seria um segredo só da turma e ninguém poderia perceber a presença da boneca, acrescentou-se elementos ao imaginário. Além disso, as imagens fotográficas tomadas pelos alunos com a possibilidade de uma revisitação, através do manuseio em papel impresso; a retomada da visita ao fazer uma escolha de imagem para produção de uma pintura; a investigação das cores do ambiente e disposição dos objetos na fotografia escolhida para o trabalho se tornaram práticas que preencheram o cotidiano escolar do aluno para além do recurso televisão. Visto que, através da construção imaginária, do registro da imagem e do resgate desta por meio da oralidade, as crianças criaram suas narrativas e deram asas à sua imaginação a partir do olhar para além de si. Para (VYGOTSKY apud FRESQUET, 2013, p. 32): "A atividade criadora faz do homem um ser projetado para o futuro, enquanto modifica seu presente. Em outras palavras, a imaginação não é um divertimento caprichoso do cérebro, ela é, antes, uma função vitalmente necessária."

Ao retomar a narração da história da boneca que não voltou para escola, apresentei um labirinto com vários caminhos a serem percorridos durante a narrativa. Com quem ficou? Porque ficou? O que faz no momento? Gostou ou não de ter sido esquecida? Na perspectiva de Fresquet(2013), o gesto criativo constitui-se modos e caminhos, diferente das narrativas presentes no mercado. Assim a escolha de um enquadramento refletindo a possibilidade do ocultar/revelar o mundo tenciona a crença e a dúvida quando aprendemos cinema nos traz novas relações com o conhecimento. Leva-nos a perceber que as imagens fotográficas são cortes da realidade, pode-se, então, criar outra realidade a partir desse objeto artístico.

Durante a gravação da narração das fotos, as falas percorreram em alguns momentos vias que nos remeteram à realidade vivida no cotidiano e em outros —as subjetividades presentes nos filmes de animação. Quando o aluno disse que a

boneca deveria quebrar a porta, pois o *Hulk* quebra e a polícia também quebra, por exemplo.

Ao observar a foto com o reflexo da boneca no vidro, outro aluno falou que ela quebrou o vidro, entrou e depois colou. Sua escolha pela fantasia procura justificar meu questionamento, se poderia quebrar a porta. Piaget, citado por Vieira (2002, p.109) explica que: “Nas chamadas combinações compensatórias, a criança busca uma compensação lúdica, ou seja, lança mão da fantasia para realizar ações proibidas ou consideradas perigosas pelos adultos”. Por exemplo, os filmes abordam em seus enredos as crianças como monstros que precisam ser regulados. Também há a intenção de inserir as crianças cada vez mais cedo no mundo adulto através dos comerciais apresentados para crianças nos intervalos dos filmes vendem brinquedos que têm como brindes aparelho celular ou maquiagem na compra da sandália que geralmente tem salto como o de adulto.

Os personagens monstros podem fazer desordem. Observa-se uma sedução dentro do grupo de crianças ao narrarem ações deles, todos querem relatar alguma enredo que conhecem deles. Conforme Silva e Paraíso(2010,p.14): “Ele também atrai, já que mostra outras possibilidades de vivência. Os monstros marcam tanto os desejos de fuga e os sonhos, como as regras que fixam a normalidade.”

Ao permear a narrativa, ora com elementos da excursão, ora com a reprodução de gestos dos personagens monstros dos filmes de consumo, as crianças traçam movimentos cerebrais fortalecendo o músculo da imaginação. A partir da experiência para a reflexão: De quem realizou as ações, como foram realizadas, como poderia ter sido. Dessa forma, exclui-se a noção de normalidade, há muito para fazer, o que se experimentar, pode-se sim mudar as regras da brincadeira que continua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que, ao propor ações para incrementar a narrativa do grupo, ampliou-se a leitura de mundo de todos envolvidos no processo. Fazer ensaios com o cinema na escola motivou testar capacidades e arriscar novos exercícios além dos previsíveis.

Percebi um bom crescimento pessoal e profissional. Redimensionei meu olhar e entendimento a partir de leituras e buscas de filmes sobre narrativas. Coloquei-me disposta diante dos mitos da tecnologia, pois, se para os meninos e meninas manipular objetos eletrônicos é costumeiro, era sempre carregado de muita ansiedade que o fazia. Atualmente já arrisco conectar cabos e apertar botões com mais facilidade.

Ao rever cada foto, os exercícios de filmagens e os fatos narrados, remeto-me à reflexão e à valorização dos momentos e pessoas envolvidas no processo de aprendizagem com a arte cinematográfica. Em alguns momentos, senti-me como criança ao soletrar as primeiras palavras. Muita insegurança em como me posicionar para ter um melhor ângulo. Como propor às crianças uma atividade que eu não tinha subsídio para sanar as dúvidas, que provavelmente apareceriam. Acredito que o aprendizado veio de dispor-me a fazer com a coragem e exemplo das crianças, muita disposição e alegria ao pensar a proposta como brincadeira. Nestas, se há erro é só recomeçar, brincar, imaginar, criar incessantemente.

Pensar ações cinematográficas no ambiente escolar e também na Educação Infantil, requer estar disposto a buscar estratégias e flexibilidade para cumprir o planejado. Sempre há falta de equipamentos, locais disponíveis e adequados para filmagens e veiculação das mesmas. A qualidade sofre muita interferência dos ruídos e luz solar comuns aos oferecidos para tais exercícios. O quadro de horários para uso dos espaços e equipamentos não atende à necessidade de todos os profissionais que precisam usá-los. Há de se pensar em salas de aula mais bem equipadas, uma vez que os recursos tecnológicos trariam mais dinamismo às práticas pedagógicas.

Devo destacar a importância das rodas de conversa como indispensáveis para o bom desenvolvimento do trabalho. As crianças compreenderam a partir delas a

dinâmica da narração, com a possibilidade de reviver o acontecido. A assiduidade com que elas aconteceram contribuiu para o enriquecimento das falas das crianças a partir do resgate da memória.

Ao perceber o encantamento das crianças ao assistirem o filme *Dona Cristina perdeu a memória*, fica evidente que devemos nos despir do pré-conceito de que filme para criança deve trazer abordagens infantis — ou que ensine alguma coisa pontual como numerais, cores, letras. Não se pode também dar relevância somente aos que ensine conteúdos do currículo como o cuidado com a higiene e a alimentação. É preciso estar atentos aos artefatos com mensagens decifradas ou prontas, pois eles já são oferecidos pela rede televisiva constantemente.

Iniciar o Plano de ação, através das brincadeiras, dando relevo aos fatos e narrações acontecidos durante as brincadeiras livres, propiciou um ambiente seguro para exposição de pensamentos. Afinal, era brincadeira no faz de conta, é tudo de “mentirinha”, não havia espaço para censura.

Acredito que o trabalho com imagens fotográficas foi muito rico, os alunos se envolveram significativamente durante as brincadeiras com as máquinas fotográficas e ao registrarem os espaços e elementos pertinentes à narração, produziram um material concreto e contextualizado para firmar as falas durante a narração. Já que narramos o que vemos, mas o que fazemos tem muito mais significado e, conseqüentemente, fica marcado na memória.

Sinto-me disposta a buscar continuidade do ensaio realizado, para tanto será necessário o envolvimento de outros profissionais da escola, na busca de alternativas que visem outras produções com as crianças. Buscar diálogos sobre o acervo próprio e o da instituição trará a possibilidade de outras escolhas.

REFERÊNCIAS

DONA Cristina perdeu a memória. Direção de Ana Luiza Azevedo. Porto Alegre: Case de Cine Porto Alegre, 2002. Curta metragem 35 mm (13 min), son., color. Disponível em: <<http://.Portacurtas.com.br/pop-160.asp?cod=1454&Exib=1>>. Acesso em: 25 set. 2014.

BARRA, Regina Ferreira. Cinema com e para educadores: Uma proposta de extensão universitária. III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LAASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTÚDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL, p.1-16, 2012.

BARROS, Manoel de. As Infâncias de Manoel de Barros. *Memórias Inventadas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p.187.

BELO HORIZONTE. Lei nº 8.679 de 11 de novembro de 2003. Cria as Unidades Municipais de Educação Infantil e o cargo de Educador Infantil, altera as Leis nº 7.235/96 e 7.577/98 e dá outras providências. *Diário Oficial Municipal*. Disponível em: <<http://cm-belo-horizonte.jusbrasil.com.br/legislacao/236625/lei-8679-03>>. Acesso em: 20 fev. 2015

Ben 10. Direção: Man of Action (Duncan Rouleau, Joe Casey, Joe Kelly e Steven T. Seagle). EUA: Cartoon Network Studios, son., color. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ben_10>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <file:///C:/Users/Helena/Downloads/rceb005_09.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil* / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Helena/Downloads/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

CHIQUITITAS. Direção: Sistema Brasileiro de Televisão, 2013-2015, son., color. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquititas_%282013%29>. Acesso em 20 abr. 2015.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (Org.). *Cor, som e movimento: A Expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

EITERER, Carmem; PEREIRA, Maria Antonieta. Educar o olhar, Para ampliar a leitura do mundo. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.16, n. 93, p. 72-76, maio/junho 2010.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FRESQUET, Adriana. Educar o olhar, Cinema na educação. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.16,n.95,P.74-78,Setembro/Outubro 2010.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e fora da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (coleção Alteridade e criação, 2)

HOMEM de Ferro: a nova série animada. Produção Christopher Yost. 2009. Desenho animado (22 min), Avi, son., color. Disponível em: <<http://bardoscartoons.blogspot.com.br/2012/07/homem-de-ferro-nova-serie-animada-1.html>. Acesso em: 20 abr. 2015.

KRAMER, Sônia. A infância vai ao cinema. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 76, p. 66-68, julho/Agosto de 2007.

MIGLIORIN, Cezar. *Inventar com a diferença: Cinema e direitos humanos*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar estrangeiro. In. NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Cia das letras, 1988.

PEREIRA, Maria Antonieta. Educar o olhar. Televisão computador e educação. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.16, n. 91, p. 71-72-73, Jan/Fev 2010.

RAMOS, Ana Lúcia Azevedo; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. *Revista Contemporânea de Educação*, v.5,n.10,p.7-22,jul/dez 2010.

REGO, Teresa Cristina, *Vygostsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis,RJ:Vozes,1995.

SILVA, Maria Carolina da; PARAÍSO, Marlucy Alves, Infância e Mídia. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.16, n. 91, p.12-15, Jan/Fev 2010.

APÊNDICES

Apêndice A — Solicitação para autorização para desenvolvimento de pesquisa



Belo Horizonte, 6dedezembrode2014.

Prezado(a)

Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que a professora/cursista Maria Helena Marques de Oliveira do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.


Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e as questões de interesse das escolas da Rede Municipal de Ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para melhores esclarecimentos sobre esse curso e os projetos através dele desenvolvidos.

Atenciosamente


Vanessa Sena Tomaz
CIC 515 329 216-91
M 2716653 – SSP/MG
Pesquisadora

Apêndice B — Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos



Coordenadora Geral do Curso

LASEB

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de dezembro de 2014.

Aos Pais/Responsáveis:

A Profa .Maria Helena Marques de Oliveira desenvolverá, nesta escola, o projeto “TV na Educação Infantil: proposta de diálogo entre família e escola” relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


 Vanessa Sena Tomaz
 CIC 515 329 216-91
 M 2716653 – SSP/MG
 Pesquisadora

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno(a): _____

De acordo: assinatura dos pais/responsáveis pelo(a)aluno(a): _____

03 - SAÚDE	
TOMA REMÉDIO CONTROLADO?	
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> QUAL _____	
NÚMERO DO CARTÃO DE VACINAÇÃO _____	A VACINAÇÃO DA CRIANÇA ESTÁ EM DIA?
	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
QUAL MEDICAMENTO A CRIANÇA PODE USAR EM CASO DE:	
FEBRE: _____	DOSAGEM: _____
DOR DE CABEÇA: _____	DOSAGEM: _____
MACHUCADO: _____	DOSAGEM: _____
POSSUI ASSISTÊNCIA MÉDICO HOSPITALAR? _____ QUAL? _____	
EM CASO DE EMERGÊNCIA, QUEM DEVE SER CHAMADO? _____	
PARENTESCO: _____	
ENDEREÇO: _____	
TELEFONE: _____	
QUAIS AS DOENÇAS QUE JÁ TEVE? _____	

APRESENTA COM FREQUÊNCIA ALGUMA DOENÇA? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	
QUAL? _____	
A CRIANÇA TEM ALERGIA A ALIMENTOS, MEDICAMENTOS, OUTROS? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	
QUAIS? _____	
A CRIANÇA FAZ ALGUM TIPO DE ACOMPANHAMENTO COM:	
PSICÓLOGO: _____	
FONOAUDIÓLOGO: _____	
PSICOPEDAGOGO: _____	
OUTROS: _____	
RAZÃO PRINCIPAL QUE LEVOU OS PAIS A BUSCAR ESTE ATENDIMENTO:	

ALGUÉM DA CASA APRESENTA ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE FÍSICA E/OU MENTAL?	
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	

04 - HISTÓRICO DA CRIANÇA	
<input type="checkbox"/> FILHO LEGÍTIMO <input type="checkbox"/> FILHO ADOTIVO	
COMO FOI A GRAVIDEZ?	
QUAL TIPO DE PARTO?	NASCEU NO TEMPO CERTO (9 MESES)
HOUVE ALGUM PROBLEMA ORGÂNICO OU EMOCIONAL QUE PUDESSE TER AFETADO O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA? EXPLIQUE: _____ _____ _____	
A CRIANÇA POSSUI ALGUNS DESSES HÁBITOS? <input type="checkbox"/> RÓI UNHA <input type="checkbox"/> USA CHUPETA <input type="checkbox"/> USA FRALDA <input type="checkbox"/> UTILIZA O VASO SANITÁRIO <input type="checkbox"/> CHUPA DEDO <input type="checkbox"/> TOMA MAMADEIRA <input type="checkbox"/> FAZ XIXI NA CAMA <input type="checkbox"/> USA ALGUM OBJETO DE APEGO - QUAL? _____	
COMO É A ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA? _____	
EM QUAL HORÁRIO A CRIANÇA COSTUMA DORMIR? _____ COM QUEM DORME? _____	
APRESENTA ALGUM TIPO DE PROBLEMA DURANTE O SONO? _____ QUAL? _____	
O QUE A CRIANÇA GOSTA DE FAZER? _____	
COM QUEM ELA BRINÇA? _____ QUAL A BRINCADEIRA E BRINQUEDO PREFERIDOS? _____	
VÊ TELEVISÃO? _____ O QUE GOSTA DE ASSISTIR? _____	
_____ PASSEIA? _____ ONDE? _____	
_____ COM QUEM? _____	
CONVIVE COM OUTRAS CRIANÇAS? _____ COMO É SEU RELACIONAMENTO COM OUTRAS PESSOAS? _____	
JÁ FREQUENTOU OUTRA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO QUAL? _____	
POR QUANTO TEMPO? _____ POR QUE PROCUROU ESSA ESCOLA/CRECHE? O QUE ESPERA DELA? _____ _____ _____	
O QUE A CRIANÇA FAZ NOS MOMENTOS EM QUE NÃO ESTÁ NA ESCOLA? _____	
QUAL O PROBLEMA QUE MAIS INTERFERE NO DIA-A-DIA DA FAMÍLIA? _____ _____ _____	

Fonte: Arquivos da escola, 2014.